

Mirar y ver... Luego, como abrasado, sentir el corazón en fuego ardiente, exhalar un suspiro de repente, todo placer, y luego un ¡ay! cansado. Aquello que jamás fue conquistado conseguirlo siquiera en nuestra mente, transformar nuestro ser constantemente, ser feliz y ser luego desgraciado.

Desear aquello que la vida priva, calmar el ansia loca que nos hiera y la imaginación más nos activa; esto acontece aún a quien no quiere: esto es amor ¡y en este amor yo viva! esto es amor ¡y de este amor se muere!

Muniz Barreto 1804-1868, Improvisación

¡Que dorada mañana! Luz mimosa va tiñendo los campos de verdura. ¡Que perfumadas auras! ¡Que dulzura! Debe ser que respira alguna rosa...

Se dora en luz la sierra majestuosa, las flores dan a Dios su esencia pura, los pájaros sus coplas de ternura, la floresta su antifona radiosa.

Lleguen a ti mis himnos en clamores, bendito Dios de la naturaleza. ¡Quién vé, sin adorarte, estos primores!

¿Que humano rostro tiene tal belleza? ¿De qué belleza nacen más amores? ¿En qué amor puede haber tanta grandeza?

José Mª do Amaral 1813-1885, Mañana en Petropolis

Bajel veloz que al húmedo elemento la voz del nauta destemido entrega, demora el curso, acércate, y navega junto a la tierra de mi pensamiento.

En cuanto cortas el maraje argenteo, de esta playa feliz no se despega (mi vista no, que amargo llanto riega) el alma y el amor que es mi tormento.

Bajel que vas huyendo despiadado sin temor de la noche y la procela, vuelve al menos, cual vas, apresurado; encuéntrela aún gentil, mimosa y bella, y el llanto que ahora lloro desdichado pueda verter sobre los labios de ella.

Gonçalves Dias 1823-1864, El Bajel

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIII, Nº 01 – 2009, JANEIRO
Assinatura até 31.12.09: 11 selos postais de 1º Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,65) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

Por qué no acaba todo, ora que puedes amortajar mi cuerpo venturoso con tu mantilla, pálida andaluza! – no me avergüenzo, no, de que me encuentren clavado el corazón con tu peineta!

Te vas! Como invisible escolta, surgen sobre sus tallos frescos, a seguirte mis jazmines sin manchas y mis claveles:

José Julián Martí 1853-1895, Mantilla Andaluza, Versos Libres, José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Sonetos Brasileños, traducidos al español por D. Álvaro de Las Casas
Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro 1938

Talvez a paz estivesse na terra menos escassa se todo mundo fizesse o que espera que o outro faça!

Arlindo T. Hagen, 2º semestre 08
Koisalinda: Rua Liberdade 182
14085-250 – Ribeirão Preto, SP

Chamam-na *Terceira* idade; *Última* é seu nome, amém, dizer *Feliz* – boa vontade, *Melhor* idade também.

Dias da Silva, 0808
Binóculo
jbatista@unifor.br

Numa rosa ressequida dentro de um livro guardada, vivi, no outono da vida, a primavera passada.

Domitila Beltrame, 0812
Trovalegre, Caixa Postal 181
37550-000 – Pouso Alegre, MG

Procurei por Deus em tudo pra ter de novo, esperança; achei-O, após grande estudo, ...num meigo olhar de criança.

Lola Prata, Primavera 07/Verão 08
LINteratura: Pç.Fco.Rez.Costa 283
35500-427 – Divinópolis, MG

Cigarro aceso na mão, briosa, a bufar fumaça – igualdade e imitação! – outra mulher por mim passa.

Manoel F. Menendez

Neste comboio da vida quem me dera! Quem me dera! eu ficar sempre retida na estação da Primavera!

Mª Amélia de Carvalho e Almeida, Bali, Caixa Postal 47
28570-970 – Itacara, RJ

Sinal de verão sentir o aroma silvestre de pequis maduros.

Manhã na varanda aadeja no madressilva corruíra-do-brejo.

Águas ligeiras rumorejar nas nascentes com a piracema.

Ruídos no jardim lagarto verde se estira entre seixos brancos.

Começo da noite sob a luz da lanterna sapo caçador.

Calada da noite rumorejam nas quebradas os jequitibás.

Tecelão na sombra bicho da seda no meio das folhas de amora.

Alice Arns, Jardim de Lembranças, Curitiba 2006 Araucária Cultural/Grêmio Haicai Manacá, Contatos: 41 – 3029-8073

TEMAS DA SAZÃO VERÃO – QUIDAIS DE VERÃO

No jardim defronte um perfume de gardênia invadindo a sala.

Analice Feitoza de Lima

Férias de verão – passeio o jovem casal pela orla vazia.

Antônio Seixas

Acorda tarde almoço só depois das duas férias de verão.

Carlos Roque Barbosa

Almoço na mesa. Lasanha de berinjela olhares gulosos.

Cecy Tupinambá Ulhóa

Mãos enrugadas preparam, junto ao fogão, doce de pequi.

Djalda Winter Santos

No verde quiosque, fila de trabalhadores... Melancia à espera!

Leonilda Hilgenberg Justus

Suor escorrendo na tarde de ar parado. Picolé em degelo.

Maíra Kawauchi Weirs



HAICUS E M FOLHA

Ao toque das mãos sensível se recolhe menina assustada. B

Alba Christina

A esteira de praia, com o sussurro do vento, rola junto ao mar. P

Amália Marie Gerda

No sol de verão corpos espalhados brilham na esteira de praia. I

Alba Christina

Sesta após o almoço. Alegrementa, na rede casal balançando. V

Analice Feitoza de Lima

Os vovós cansados dormitando em alto estilo é hora da sesta. P

Alba Christina

Ao toque da mão sensível se fechando, repentinamente. V

Analice Feitoza de Lima

Com um leve toque, traída, a sensível curva-se no galho. I

Amália Marie Gerda

Céu azul, sol, mar. Mil cores foram a areia: esteira de praia. I

Angelica Villela Santos

Verão. Meio dia. Uma rede na varanda. Convite pra sesta. P

Angelica Villela Santos

Homens descansando entre os canteiros da obra. É hora da sesta. F

Argemira F. Marcondes

Criança sensível, se retrai ao ser tocada igual sensível. P

Argemira F. Marcondes

Na areia, esquecida, sob o sol e sob a chuva, esteira de praia. V

Argemira F. Marcondes

Vaivém da maré e a nova esteira de praia flutua nas ondas. F

Darly O. Barros

A loja, fechada. Na varanda, a sesta do dono que ronca... I

Darly O. Barros

Dedinhos miúdos tocam a sensível e as flores se fecham. V

Darly O. Barros

Depois do almoço, pouca gente nas ruas: é hora da sesta. P

Djalda Winter Santos

Corpo escultural deita na esteira de praia coberta de areia. P

Flávio Ferreira da Silva

O chapéu no rosto, a barriga para o ar. Sesta e digestão. F

Manoel F. Menendez

Subiu a maré. Esteira de praia perdida. Banhista procura. V

Nadyr Leme Ganzert

Rede na varanda vai pra lá, vem pra cá. Vovô faz a sesta. I

Neuza Pommer

Esteira de praia debaixo do braço... Turista apressado. V

Neuza Pommer

Esteiras de praia estendidas na areia: corpos bronzeados. V

Neuza Pommer

Vovô fecha os olhos na cadeira de balanço. Momento da sesta. A

Regina Célia de Andrade

A mão da criança desliza na sensível. Pétales fechadas. C

Regina Célia de Andrade

Esteira de praia recebe os raios do sol. Banhista no mar. I

Regina Célia de Andrade

Visita surpresa chega no início da tarde. Sesta interrompida. C

Renata Paccolla

Esteira de praia estendida sob a árvore. Raiz atrapalha. I

Renata Paccolla

Silêncio profundo. Porta e janelas fechadas. Sesta de domingo. C

Roberto Resende Vilela

SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.01.09, enviar até 3 haicus de quigos: Dia da Sogra, Dourado, Orquídea.

Até o dia 28.02.09, enviar até 3 haicus de quigos: Grilo, Nevoaça, Paineira.

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo

(palavra da sazão), *seu único principal motivo: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, só persistindo. Vamos lá, comece já!*

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos. *Aguardamos seus trabalhos.*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Apto. 82
05010-040 - São Paulo, SP

ou
mfmenendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuísta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Mais vale um haicu enviado do que três na mão! – Não deixe para amanhã, o que puder fazer agora!

<p>Entre os espadinhas, o acará-bandeira voa ressaltando o aquário. Alba Christina</p> <p>Jarra de cristal encerra aroma e delícia. Licor de pequi. Angelica Villela Santos</p> <p>Parece cansado, mas é sua natureza. Bicho-preguiça. Anita Thomaz Folmann</p> <p>No pote de vidro, sobremesa do jantar – doce de pêssego. Iraí Verdan</p> <p>Folia de Reis já passou ano, é janeiro de muitos cantares. Jorge Picanço Siqueira</p> <p>Dia de canícula, vento parado, terrível. Bendita chuva! Maria App. Picanço Goulart</p> <p>Chego do trabalho, aroma bane fadiga: rainha-da-noite! Shinobo Saiki</p> <p>O mundo começava nos seios de Jandira. Depois surgiram outras peças da criação: surgiram os cabelos para cobrir o corpo, (às vezes o braço esquerdo desaparecia no caos, ficava o braço direito); e surgiram sereias da garganta de Jandira o ar inteirinho ficou eterno de sons mais palpáveis do que aves. E as antenas das mãos de Jandira captavam os objetos animados, inanimados, dominavam as rosas, os peixes, as máquinas. E os mortos acordavam nos caminhos visíveis do ar quando Jandira penteava a cabeleira.... Depois o mundo desvendou-se completamente, foi-se levantando, armado de anúncios luminosos. E Jandira apareceu inteira, da cabeça aos pés. Todas as partes do maquinismo tinham importância. E Jandira apareceu com o cortejo de seu pai, de sua mãe, de seus irmãos, eles é que obedeciam aos sinais de Jandira crescendo na vida em graça, beleza, violência. Os namorados passavam, (cheiravam os seios de Jandira e eram precipitados nas delicias do inferno. Eles jogavam por causa de Jandira, deixavam noivas, esposas, mães, irmãs, por causa de Jandira. E Jandira não tinha pedido coisa alguma. E vieram retratos no jornal por causa de Jandira. Certos namorados viviam e morriam por causa de um detalhe de Jandira. Um deles suicidou-se por causa da boca de Jandira. Outro, por causa de uma pinta (na face esquerda de Jandira e os cabelos de Jandira cresciam furiosamente com a força das máquinas; não caía nem um fio, nem ela os aparava. E a boca de Jandira era um disco vermelho tal qual um sol mirim. Em roda do cheiro de Jandira a família andava tonta. As visitas tropeçavam nas conversações por causa de Jandira. E um padre na missa esqueceu de fazer (o sinal da cruz por causa de Jandira. E Jandira se casou. E o corpo de Jandira inaugurou uma vida nova, apareceram ritmos que estavam de reserva, combinações de movimentos (entre as ancas e os seios. À sombra do corpo de Jandira nasceram quatro meninas que repetem as formas e os seios de Jandira (desde o princípio do tempo. E o marido de Jandira morreu na epidemia de gripe espanhola. E Jandira cobriu a sepultura com os cabelos dela. Desde o terceiro dia o marido de Jandira fez um grande esforço para ressuscitar; não se conforma, no quarto escuro onde está, que Jandira viva sozinha. Que os seios, a cabeleira dela transtornem a cidade e as filhas de Jandira inda parecem mais velhas do que ela. E Jandira não morre, espera que os clarins do juízo final venham chamar seu corpo, mas eles não vêm. E, mesmo que venham, o corpo de Jandira ressuscitará inda maior, mais ágil e transparente! ⑤</p> <p>Murilo Monteiro Mendes 1901 ou 2-1975, Jandira</p>	<p>Vou-me embora pra Pasárgada lá sou amigo do rei lá tenho a mulher que eu quero na cama que escolherei vou-me embora pra Pasárgada vou-me embora pra Pasárgada aqui eu não sou feliz lá a existência é uma aventura de tal modo inconseqüente que Joana a Louca de Espanha rainha e falsa demente vem a ser contraparente da nora que nunca tive e como farei ginástica andarei de bicicleta montarei em burro brabo subirei no pau-de-sebo tomarei banhos de mar! E quando estiver cansado deito na beira do rio mando chamar a mãe-d' água pra me contar as histórias (que no tempo de eu menino Rosa vinha me contar vou-me embora pra Pasárgada em Pasárgada tem tudo é outra civilização tem um processo seguro de impedir a concepção de telefone automático tem alcálide à vontade tem prostitutas bonitas para a gente namorar e quando eu estiver mais triste mas triste de não ter jeito quando de noite me der vontade de me matar – lá sou amigo do rei – terei a mulher que eu quero na cama que escolherei vou-me embora pra Pasárgada. ⑤</p> <p>Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho 1886-1968, Vou-me embora pra Pasárgada</p> <p>Janaina vive no rio, vive no açude, vive no mar. Lembrou-se de vir passear: nas ôndias passou dendê. As ôndias se acomodaram. Cavalo marinho veio para ela se amontar. No cavalo se amontou galopando descuidada, acordando os afogados, dando adeus à maré grande. Botando nome nos peixes, ouvindo a fala dos búzios. No ventre de Janaina, as escamas estão brilhando, nos olhos de Janaina, na cauda de Janaina tem cem doninhas pulando. Se Janaina sorri as ôndias ficam banzeiras. Se Janaina está triste o mar começa a espumar, a pegar gente na praia pra Janaina afundar. – Janaina dá licença que eu me afogue no seu mar? ⑥</p> <p>Jorge Mateus de Lima 1895-1953, Janaina</p>	<p>Ora, se deu que chegou (isso já faz muito tempo) no bangüê dum meu avô uma negra bonitinha chamada negra Fulô. Essa negra Fulô! Essa negra Fulô!</p> <p>Ó Fulô! Ó Fulô! (Era a fala da Sinhá) – Vai forrar a minha cama, pentear os meus cabelos, vem ajudar a tirar a minha roupa, Fulô! Essa negra Fulô! Essa negra Fulô!</p> <p>Essa negrinha Fulô ficou logo pra mucama, para vigiar a Sinhá pra engomar pro Sinhô! Essa negra Fulô! Essa negra Fulô!</p> <p>Ó Fulô! Ó Fulô! (Era a fala da Sinhá) vem me ajudar, ó Fulô, vem abanar o meu corpo que eu estou suada, Fulô! vem coçar minha coceira, vem me catar cafunê, vem balançar minha rede, vem me contar uma história, que eu estou com sono, Fulô! Essa negra Fulô!</p> <p>“Era um dia uma princesa que vivia num castelo que possuía um vestido com os peixinhos do mar. Entrou na perna dum pato saiu na perna dum pinto o Rei-Sinhô me mandou que vos contasse mais cinco.” Essa negra Fulô! Essa negra Fulô!</p> <p>Ô Fulô? Ó Fulô? Vai botar para dormir esses meninos, Fulô! “Minha mãe me penteou minha madrastra me enterrou pelos figos da figueira que o sabiá beliscou.” Essa negra Fulô! Essa negra Fulô!</p> <p>Fulô? Ó Fulô? (Era a fala da Sinhá chamando a negra Fulô.) Cadê meu frasco de cheiro que teu Sinhô me mandou? Ah! foi você que roubou! Ah! foi você que roubou!</p> <p>O Sinhô foi ver a negra levar couro do feitor. A negra tirou a roupa. O Sinhô disse: Fulô! (A vista escureceu que nem a negra Fulô.) Essa negra Fulô! Essa negra Fulô!</p> <p>Ó Fulô? Ó Fulô? Cadê meu lenço de rendas</p>	<p>cadê meu cinto, meu broche, cadê meu terço de ouro que teu Sinhô me mandou? Ah! foi você que roubou. Ah! foi você que roubou. Essa negra Fulô! Essa negra Fulô!</p> <p>O Sinhô foi acoitar sozinho a negra Fulô. A negra tirou a saia e tirou o cabeção, de dentro dele pulou nuinha a negra Fulô. Essa negra Fulô! Essa negra Fulô!</p> <p>Ó Fulô? Ó Fulô? Cadê, cadê teu Sinhô que nosso Senhor me mandou? Ah! foi você que roubou, foi você, negra Fulô! Essa negra Fulô! ⑥</p> <p>Jorge de Lima, Essa negra Fulô</p> <p>Quando nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: Vai, Carlos! ser <i>gauche</i> na vida. As casas espiam os homens que correm atrás de mulheres. A tarde talvez fosse azul, não houvesse tantos desejos. O bonde passa cheio de pernas: pernas brancas pretas amarelas. Para que tanta perna, meu Deus, (pergunta meu coração. Porém meus olhos não perguntam nada. O homem atrás do bigode é sério, simples e forte. Quase não conversa. Tem poucos, raros amigos o homem atrás dos óculos e do bigode. Meu Deus, por que me abandonaste se sabias que eu não era Deus se sabias que eu era fraco. Mundo mundo vasto mundo, se eu me chamasse Raimundo seria uma rima, não seria uma solução. Mundo mundo vasto mundo, mais vasto é meu coração. Eu não devia te dizer mas essa lua mas esse conhaque ⑥ botam a gente comovido como o diabo.</p> <p>Carlos Drummond de Andrade, Poema de Sete Faces</p> <p>E assim vou com a fremente mão do mar em minhas coxas. Minha paixão? Uma armadilha de água, rápida como peixes, lenta como medusas, muda como ostras. ⑥</p> <p>Olga Savary, Ycatu (do Tupi: água boa)</p> <p>Vai ter uma festa que eu vou dançar até o sapato pedir pra parar aí eu paro tiro o sapato e danço o resto da vida. ⑥</p> <p>Chagal, Rápido e Rasteiro</p>	<p>Eu sou como eu sou pronome pessoal intransferível do homem que inciei na medida do impossível eu sou como eu sou agora sem grandes segredos dantes sem novos segredos dentes nesta hora eu sou como eu sou presente desferrolhado indecente feito um pedaço de mim eu sou como eu sou vidente e vivo tranquilamente todas as horas do fim. ⑥</p> <p>Torquato Neto, Cogito</p> <p>Belo belo minha bela tenho tudo que não quero não tenho nada que quero não quero óculos nem tosse nem obrigação de voto quero quero quero a solidão dos píncaros a água da fonte escondida a rosa que floresceu sobre a escarpa inacessível a luz da primeira estrela piscando no lusco-fusco quero quero quero dar a volta ao mundo só num navio de vela quero rever Pernambuco quero ver Bagdá e Cusco quero quero quero o moreno de Estela quero a brancura de Elisa quero a saliva de Bela quero as sardas de Adalgisa quero quero tanta coisa belo belo mas basta de lero-lero vida novas fora zero. ⑥</p> <p>Manuel Bandeira, Belo belo</p> <p>Minha terra tem palmeiras I onde canta o tico-tico. Enquanto isso o sabiá vive comendo o meu fubá. Ficou moderno o Brasil ficou moderno o milagre: a água já não vira vinho, vira direto vinagre. Minha terra tem Palmares II memória cala-te já. Peço licença poética Belém capital Pará. Bem, meus prezados senhores dado o avançado da hora errata e efeitos do vinho o poeta sai de fininho. (será mesmo com dois esses que se escreve paçarinho?) ⑥</p> <p>Cacaso, Jogos florais</p>
---	--	---	--	--